

**CALÇOS E PERCALÇOS NA ÁREA DE BABEL:
ESBOÇO DE UMA ANTROPOLOGIA DA TEXTUALIDADE**

ALAIN, Ricard. **Le sable de Babel, traduction et apartheid: esquisse d'une anthropologie de la textualité**. Paris: CNRS EDITIONS, 2011, 447p.

Yéo N'gana¹

O desconhecimento da(s) literatura(s) africana(s) – que foram por muito tempo negligenciada(s), vilipendiada(s) e, por fim, deixada(s) esmorecer no estômago do tempo, à mercê do suplício criado pela desavença entre a oralidade e a escrita – vem afastando cada vez mais a África da humanidade e dificultando a compreensão da África pela humanidade. Em *Le sable de Babel, traduction et apartheid: esquisse d'une anthropologie de la textualité* [“A areia de Babel, tradução e apartheid: esboço de uma antropologia da textualidade²”, tradução literal], obra de 447 páginas dividida em 14 capítulos com uma extensa introdução, Alain Ricard leva o/a leitor/a a uma viagem, ao mesmo tempo sensacional, com contos de fadas e mitologias, e tensa, com choques culturais, históricos e político-ideológicos desde a revolução haitiana até a libertação de Nelson Mandela.

Alain Ricard nasceu em 1945. Foi professor e diretor emérito de pesquisa no *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS - Centro Nacional de Pesquisas Científicas), pesquisador no *Institut de Recherche pour le Développement* (IRD), diretor do CRELU hoje *Institut français de recherche en Afrique* (IFRA - Instituto Francês de Pesquisa na África), redator chefe e diretor da revista *Politique Africaine*. Além de ter sido fundador da *Association Pour l'étude des Littératures Africaines* (APELA – Associação para o estudo das Literaturas Africanas), foi membro/pesquisador da *Les Afriques dans le monde* (LAM - As Áfricas no mundo). Ganhou, em 2002, o prêmio

¹ Doutorando em Estudos de Tradução, possui Graduação em Letras (Português) pela Universidade Félix Houphouët Boigny (UFHB – 2010) e Mestrado em Letras (Sociolinguística) pela Universidade Félix Houphouët Boigny (UFHB – 2014). Especialização em Desenvolvimento Sustentável e Gestão Ambiental pelo Centre de Recherches et d'Action pour la Paix (CERAP). Tem experiência em ensino de inglês (Centro Cultural americano – American Corner CIRES). Atualmente é Membro do Núcleo de Pesquisa História da Tradução (CNPq/UFSC). Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. E-mail: nganayeo@gmail.com.

² A tradução dos títulos e citações neste trabalho é da nossa autoria.

Humboldt pelo conjunto da obra sobre as literaturas africanas. Faleceu em agosto de 2016.

Já na introdução de *Le sable de Babel*, Ricard faz questão de definir conceitos – *revolução, babel, apartheid, missão de Paris, texto e textualidade*, e o possível nexo entre tradução “dialógica” e “subliminal” – que lhe parecem essenciais para mergulhar na viagem que o texto propicia. Para tanto, sua abordagem foi a chamada “antropologia da textualidade”. A partir de exemplos variados e estendidos no tempo (num período de aproximadamente 200 anos) e no espaço (do leste passando pelo sul e centro até a região subsaariana da África), Ricard busca mostrar historicamente a relação línguas-discursos-genética textual. Entre suas preocupações, nos deparamos com as seguintes perguntas: “De onde vem (esse discurso)? Como chegou nas nossas mãos? Será que é o original? Como textualizá-lo, isto é, o processo que, através de discursos duráveis e traçáveis, produz textos?” (p. 39). A traçabilidade do discurso é capital (Toulabor, 2013), pois permite ao fragmento do texto “ser assinalável a uma instância específica, identificável no campo dos discursos, situado numa sequência cronológica que possibilita rastrear sua gênese.” (Ricard, 2011, p. 39) Tendo o apoio financeiro de diversas instituições de pesquisa, Ricard vem retrazando o destino pouco comum desses discursos textualizados partindo de 1800 até hoje. O autor destaca a importância dos trabalhos de monges tanto de *La Mission de Paris* (Eugene Casalis, 1812-1891; Victor Ellenberger, 1879-1972) quanto da *London Missionary Society* (Robert Moffat, 1795-1883; Hinrich Lichtenstein, 1780-1857) preocupados em entender as línguas e mentes africanas para posteriormente traduzir a Bíblia nesses idiomas, e assim introduzir e expandir as culturas coloniais eurocêntricas. Ricard também tem consciência do quão fundamental a tradução é num projeto de tal envergadura. Por isso, procurou neste livro explorar a complexa relação da prática da tradução como ponte com o *apartheid*³. Poliglota, Ricard leu e comparou diversas obras tais como as de Thomas Mofolo (*Moeti Oa Bochabela*, 1907; *Pitseng*, 1910; *Chaka*, 1925) originais na língua sesoto e suas traduções para o inglês sem ficar no labirinto semântico de um tradutor/intérprete, e conversou também com Ebrahim Hussein, o mais notório dos escritores em Swahili e do teatro tanzaniano.

Bem escrito e fluido, o texto é agradável de ler especialmente pelo caráter instigador e convidativo dos títulos de seus capítulos, a saber: *Chapitre premier: Interprètes et philologues: Comprendre des langues inconnues* (Interpretes e filólogos:

³ Instituição regida por um conjunto de [pre]conceitos e leis que privilegiam a separação racial.

compreender línguas desconhecidas); *Chapitre 2: La traduction dialogique* (A tradução dialógica); *Chapitre 3: La textualisation du terrain* (A textualização do campo); *Chapitre 4: Orientalisme et Africanisme* (Orientalismo e Africanismo), *Chapitre 5: Un espace d'avant l'Apartheid* (Um espaço anterior à Apartheid); *Chapitre 6: L'émergence de la figure de l'écrivain* (A emergência da figura do escritor) *Chapitre 7: Des écrivains à la Mission* (Escritores na Missão); *Chapitre 8: Le partage des langues* (A divisão das línguas); *Chapitre 9: La traduction est aussi une lutte* (Traduzir é também lutar); *Chapitre 10: La traduction inutile?* (Seria a tradução inútil?); *Chapitre 11: La traduction comme principe créateur* (A tradução como orto da criação); *Chapitre 12: Traduction et Tradition* (Tradução e Tradição); *Chapitre 13: La traduction comme (re)configuration* (A tradução como [re]configuração) e *Chapitre 14: La traduction subliminale* (A tradução subliminal).

Em *Le sable de Babel*, percebe-se a preocupação, embora implícita, de Ricard, e seus esforços, pelo menos intelectualmente, para moldar o cenário e descolonizar as mentes europeias e/ou eurocentristas que continuam enxergando a África e as produções africanas com condescendência, como exóticas. Isso levanta os velhos questionamentos tais como: “O que é literatura?”, “O que é literário?”, “Quem determina a literariedade de um texto?” Alain Ricard não está convencido acerca desse conceito cujo significado, além de instável, é uma concepção de cada leitor, a qual está sujeita à sua cultura e à sua história. Por isso, não acredita na literariedade dos textos, mas [sim] nos usos literários que se faz deles (p.37). A ética humanista do autor fez com que percebesse que no contexto africano, uma categorização desse tipo seria um genocídio cultural, linguístico, literário ou simplesmente civilizacional. Neste trabalho, Ricard se remete, e convida o/a leitor/a, à textualização, a seleção de fragmentos de discursos duráveis transformados em textos: o que importa, aqui, é a memória. A própria textualização ou metamorfose do discurso apresenta-se como uma forma de interpretação, de tradução principalmente quando vindo de bardos basoto, zulo, xhosa, etc, cujas produções combinam contos, cantos e performances..

A tradução foi e continua sendo, para alguns, uma missão. No caso da África Austral, conforme foi apresentado na obra, a tradução revelou-se uma afiliada do *apartheid*, [re]construindo a Torre de Babel, impondo barreiras, espacializando e classificando línguas que até então conviviam. Ela foi naturalizada e passou do estatuto

de mediadora para o de divisora. Ao invés de romper ou amenizar os estorvos linguísticos e assim possibilitar o encontro, a tradução foi usada pelo sistema colonial para exterminar culturas locais, desorganizar os sistemas educacionais existentes e vilipendiar tradições. Como dizia Jean-Marie Adiaffi, escritor marfinense:

Se você quer alcançar um povo na sua mais profunda intimidade, se você quer desenraizar um povo, se você quer desesperar, desequilibrar um povo, se você quer tornar um povo vulnerável para abatê-lo com uma facilidade pueril, isto é, se você quer assassinar infalivelmente um povo, se você quer matá-lo de uma ciência exata: destrua sua alma, profane suas crenças, suas religiões. Negue sua cultura, sua história, queime tudo que ele adora e o objetivo será alcançado, sem que você mesmo perceba. O que vale um povo que não sabe mais interpretar seus próprios signos? Que força moral, que solidez pode ter um povo que perdeu a significação de seus próprios mitos, de seus símbolos? Um estrangeiro para si mesmo. (1980, p.39; tradução nossa)

Para falar em tradução dialógica, Ricard aposta na importância das trocas com os nativos tanto linguisticamente, como na negociação dos significados. Enfatiza a necessidade de se haver um percurso bilateral, até multilateral, no que tange à escolha dos próprios discursos e/ou textos e dos autores a serem traduzidos. O que o tradutor quer é alcançar o mundo, e o que o escritor busca é ir até o mundo. E nessa inevitável meta que ambos têm em comum, textualizar é produzir um discurso para o mundo. Por isso, Alain Ricard traz à luz as reflexões da Antje Krog, escritora e tradutora sulafricana, sobretudo pela visão desconstrutivista que ela tem do fazer tradutório. Traduzir, na concepção de Krog, é interferir nas relações entre as línguas, é dar um peso político e verbal às línguas dominadas (in Ricard, p.394). Isso significa, um tradutor intervencionista ciente da sua tarefa e com um escopo bem definido. Ideia essa que Ricard abraçou ao longo do seu trabalho quando diz que “a tradução é conversação, discurso dialógico, diálogo entre línguas e pessoas, na utopia da igualdade formal entre os falantes e as línguas” (Ricard, 2011, p.161). Pois, a “democracia impõe a traduzibilidade generalizada: uma voz equivale à outra, uma língua equivale à outra” (idem).

Em *Le sable de Babel, traduction et apartheid : esquisse d'une anthropologie de la textualité*, o autor examina sincronica e diacronicamente o impacto da tradução do imaginário e/ou mitos em línguas africanas para as línguas europeias e vice-versa. No entanto, quanto ao resultado, Ricard permanece cuidadoso ao dizer que “a arrogância cultural é a característica dominante nas relações [do ocidente, nossa ênfase] com as línguas do Sul, da Índia ou da África. Isto deveria nos levar a refletirmos sobre os limites

dos processos de mundialização” (p.17). Talvez frutos da *midialização*? O autor chama a atenção para o fato de que a colocação das línguas europeias como modelos vêm influenciando muitos escritores africanos – que escreviam nas línguas locais e cujos trabalhos eram desprezados, arquivados e dificilmente publicados pela administração colonial / apartheid. Esses autores passaram a praticar o que Ricard denominou “estratégia de ostentação e autenticação” para ambos reconhecimento⁴ e ganha-pão.

Na última parte do livro, Alain Ricard deplora o fato de a tradução das línguas africanas ter sido um projeto mal compreendido e, por vezes, visto como “inútil”. A reação dos escritores pelo viés da *textualização subliminal* à imagem do marfinense Ahmadou Kourouma e camaronês Ferdinand Léopold Oyono, segundo Ricard, vem invertendo o jogo e criando um tipo de normas nessa *neoBabel* [nossa ênfase] nomeadamente com o sucesso de suas obras. Outros aspectos importantes que Ricard problematiza são a autotradução (Ngugi wa Thiong’o), a relexificação (Chantal Zabus) e seu impacto político (Alexis Kagame, Okot p’Bitek, etc.).

Resumindo, Ricard defende a ideia de se produzir uma literatura em línguas africanas e a necessidade de promoção desses textos. É desse projeto que poderia surgir o diálogo intercultural e interpessoal que levaria para uma intercompreensão entre os povos, O que exige uma conversação entre autores, literatos, tradutores e editores. Alain Ricard deixa aberta à reflexão ao afirmar que a história da discriminação tem ocorrido no campo linguístico que continua sendo uma passarela perfeita para outras questões. Portanto, “as questões linguísticas sendo presas nas correntes de relações de poder, pode a tradução desempenhar um outro papel, a não ser o de um “ato desesperado para se saber o que é novo na nova África do Sul?” (p. 393) Ou na África como um todo? Pelo menos, para Mandela, a tradução propiciaria a convivência.

Este é um livro para todo pesquisador ou leitor, *tout-court*, interessado pela temática “África” e, sobretudo, pela história da(s) literatura(s) africana(s). Rico em detalhes sobre o percurso das formações linguísticas e sociais conforme mostra a extensão da bibliografia utilizada, este importantíssimo livro já foi resenhado duas vezes em francês por Maria Chiara Miduri e Bernard De Meyer; e três vezes em inglês por Françoise Ugochukwu, Moradewun Adejunmobi, e Phyllis Taoua.

⁴ Esta questão do reconhecimento também levantada por Paul Bandia em “Orality and Translation” e “Post-colonial Literatures and translation”.

REFERÊNCIAS:

ADIAFFI, J-M. *La carte d'identité*. Abidjan: CEDA, 1980.

RICARD, Alain. *Le sable de Babel, traduction et apartheid : esquisse d'une anthropologie de la textualité*. Paris : CNRS EDITIONS, 2001, 447 p.

____. Entrevista pela Valérie Marin la Meslée. Paris: *lepoint.fr*. Disponível em: http://afrique.lepoint.fr/culture/pour-saluer-alain-ricard-page-2-02-09-2016-2065490_2256.php

TOULABOR, Comi M. A. Ricard, *Le sable de Babel : traduction et apartheid*. Compte-rendu paru dans « La revue des livres », *Politique africaine* 1/2013 (Nº 129). <http://polaf.hypotheses.org/291>

LES AFRIQUES DANS LE MONDE. “Alain Ricard : Hommage”. Disponível em : <http://lam.sciencespobordeaux.fr/users/alain-ricard>